Desejo ou completude?
Impasses do desejo na contemporaneidade

Fabielem Corso Masiero[1]

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre como o desejo tem se constituído nas crianças e nos adolescentes, bem como o lugar dos pais, na contemporaneidade. Atualmente, as famílias vivem constantes e intensas transformações sociais e culturais. Considerando que os pais são a base para a constituição do desejo, é possível observar como tanto eles como, por consequência, os filhos encontram-se carentes de referenciais de um outro que se apresente como um modelo firme de identificação. Assim, o que deveria ser a construção de uma capacidade de desejar a partir de uma falta, passa a ser a instalação de um desejo de completude, pelo qual só há espaço para a totalidade e para a ausência de frustração.

Palavras-chave: Desejo. Contemporaneidade. Falta. Completude. Infância. Adolescência.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ainda que o tema da queda da função paterna venha, atualmente, merecendo inúmeros trabalhos e reflexões, podemos ver que, como o próprio Freud já anunciara, cada época tem a sua configuração de angústia. Em termos da dinâmica pulsional, é somente uma nova roupagem para as angústias humanas.

Vivemos uma época de muitas transformações sociais, na qual, por vezes, o *ter* norteia a existência do sujeito. As pessoas vivem um estado de aceleramento, em

1 Psicóloga, Psicanalista, Membro Associado do CEPdePA.

uma busca constante de *status,* poder e eterna beleza. Essa cultura contemporânea produz configurações frágeis, de uma lógica narcísica de onipotência e de não referência ao outro. Busca-se uma vida de prazeres, na crença de que tudo é possível.

Presenciamos uma perda de sentido da vida, instabilidade nas relações e o empobrecimento dos laços afetivos. A constituição do sujeito em relação ao seu desejo está empobrecida de respostas e carente de referências de um outro. Consequentemente, as pessoas estão perdendo sua singularidade. Estamos diante de um declínio da função paterna como instância interditora indispensável à qualidade de vida subjetiva. O pai, enquanto transmissor da lei, das regras, de referências de autoridade e identificações, encontra-se fragilizado.

Sabemos que a clínica reflete o seu tempo. Enquanto profissionais da essência humana, não podemos fechar os olhos para esse momento. Em todas as épocas, a construção simbólica dos sujeitos sofre as influências da cultura na qual estão inseridos. Agora não é diferente; estamos imersos nesta cultura. Como analistas, é no confronto clínico diário com nossos pacientes e nos desafios interrogantes que nossa reflexão nos coloca na busca constante de uma teoria e uma técnica que deem sustentação para compreendermos as angústias desses sujeitos, para auxiliar em uma construção simbólica, quando se está carente dela.

Este trabalho surgiu de minhas observações na prática clínica e na prática escolar, onde me deparo com muitas crianças constantemente insatisfeitas e infelizes, que estão decidindo questões importantes na família e ocupando um lugar que parece não lhes caber; com muitos adolescentes apáticos, perdidos em seu desejo, com uma paralisia diante da vida e da escolha profissional; e ainda outros, com uma sensação de irrealidade, de intolerância às frustrações e uma busca de soluções rápidas para qualquer problema que se apresente.

Diante disso, questiono-me: como o desejo tem se constituído nessas crianças e nesses adolescentes? E os pais estão colaborando na construção simbólica de seus filhos, ou estão capturados em uma completude narcísica imaginária? Estão auxiliando ou eximindo-se do compromisso com seus filhos, de serem sujeitos desejantes de seu próprio desejo?

Enfim, diante de tantos questionamentos quanto aos caminhos e às manifestações do desejo em nossa contemporaneidade, proponho, neste trabalho,

realizar uma reflexão sobre como o desejo tem se constituído nas crianças e nos adolescentes, bem como o lugar dos pais nesta constituição.

A CONSTITUIÇÃO DO DESEJO

O desejo apresenta-se como um aspecto fundamental na constituição do sujeito psíquico. O nascimento em si não dá à criança o *status* de sujeito. O bebê vem ao mundo como um corpo biológico, sem saber de si e do mundo que o cerca. Encontra-se em um estado de desamparo, pelo qual necessita, além de ser atendido em suas necessidades, ser investido psiquicamente e desejado por outro (FREUD, 1895/1950).

Como bem afirma Freud (1905), os primeiros anos de uma criança são fundamentais para a sua vida adulta. É através dessa relação inicial com o outro que o ser humano vai aprendendo a se conhecer e tendo a possibilidade de constituir-se como sujeito desejante em seu processo de estruturação psíquica. Isso servirá de alicerce para suas escolhas de forma geral.

Então, como se constitui o desejo, para a Psicanálise?

É em 1895, ao escrever o "Projeto Para uma Psicologia Científica", que Freud faz um primeiro esboço da origem do desejo. Neste trabalho, ele formula um funcionamento do aparelho psíquico, partindo do princípio de inércia neuronal. Ele considera que o funcionamento do sistema nervoso primário busca aliviar a tensão por meio da descarga efetuada pela via motora. Porém, da tensão proveniente de fonte endógena, o organismo humano é incapaz de se desfazer, necessitando que alguém atento ao desamparo original do bebê realize uma ação específica que proporcione o alívio da tensão. O apaziguamento desta tensão provoca satisfação na criança e deixa marcas psíquicas em seu inconsciente.

A partir dessas primeiras vivências de satisfação, vai se estabelecendo uma via de facilitação. Diante de uma nova necessidade, surgirá um impulso psíquico que buscará reinvestir a imagem mnêmica do objeto, visando a reviver a satisfação original (FREUD, 1895/1950; GARCIA-ROZA, 1995). Pensa-se que é nesta busca – que será interminável – por novas experiências de satisfação que o desejo se constitui.

O desejo aparece como uma força impulsora do psiquismo na obra de Freud (1900) sobre os sonhos. "Só o desejo é capaz de pôr o aparelho psíquico em movimento" (p. 624). Esse desejo atrela-se a uma ideia central dos sonhos como realizações de desejos. Para Freud (1900), os desejos capazes de instigar os sonhos são inconscientes; são os desejos sexuais infantis. Como são inconscientes, eles permanecem indestrutíveis desde sua origem na infância, em um estado de alerta constante para se satisfazerem.

O desejo é indestrutível porque jamais poderá ser plenamente satisfeito, já que não há um objeto específico que o satisfaça; sua satisfação será sempre parcial, o que implica o seu infindável retorno (GARCIA-ROZA, 1995). Apresenta-se no desejo a tendência a reinvestir. O desejo provê novamente de energia psíquica o traço mnêmico de uma experiência de satisfação, ou seja, busca, via investimento do registro perceptivo, restabelecer a satisfação original.

> [...] O acúmulo de excitação é vivido como desprazer, e coloca o aparelho em ação com vistas a repetir a vivência de satisfação, que envolveu um decréscimo da excitação e foi sentida como prazer. A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de "desejo" (FREUD, 1900, p. 624).

Diante da ausência de satisfação do desejo, o sujeito psíquico se depara novamente com uma sensação de desamparo e de desprazer, o que o leva a alucinar o objeto que venha a diminuir tal excitação. Todavia, ele é obrigado a abandonar essa tentativa alucinatória, que é guiada pelo princípio do prazer. Assim, introduz-se um novo princípio do funcionamento mental: o princípio de realidade (FREUD, 1911).

Para Kehl (1999), enquanto está em vigor a exclusividade do princípio do prazer, não se pode falar exatamente em desejo, justamente pela vinculação imediata entre a necessidade e a satisfação alucinatória. É com o fracasso deste princípio que surge para o sujeito psíquico a possibilidade de se tornar sujeito de uma história, a qual envolve os inúmeros embates com a realidade e as múltiplas enunciações de seu desejo. Para esta autora, é a realidade que cria o desejo em dois sentidos:

> [...] primeiro, porque é o fracasso dessa satisfação imediata que o desejo se manifesta enquanto tal. Enquanto não existe demora, não existe corte, não é possível reconhecer o desejo [...]. Em segundo lugar, a realidade cria o desejo porque é dela que nos chega à percepção dos objetos parciais substitutivos para a demanda absolutista da pulsão; objetos que permitem que o desejo se destaque da pulsão e ganhe uma fala, e ao mesmo tempo aliviam o sujeito da pressão dessa demanda absolutista destinada ao fracasso (KEHL, 1999, p. 368).

Lacan (1958) acrescenta a passagem da necessidade ao desejo, a instância da demanda. Para ele, à medida que o outro interpreta as necessidades da criança, instaura-se um tipo de dependência que vai além da satisfação da necessidade. Junto ao leite para saciar a fome, vem o olhar da mãe, sua voz, o carinho e aconchego. A demanda em si refere-se a algo distinto das satisfações por que clama. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta, por ser prenhe desse Outro a ser situado aquém das necessidades que possa suprir.

Para que o sujeito possa demandar, é necessário que o objeto falte em algum momento. Assim, o desejo vai surgindo, de demanda em demanda, nessa relação entre o sujeito e o Outro, entre a demanda e a necessidade. Para Garcia-Roza (1995), o que o sujeito humano deseja é sempre o desejo do outro. É ser, na verdade, reconhecido e amado pelo outro.

Como vimos até aqui, o sujeito humano não nasce com desejo próprio; ele nasce atravessado pelo desejo do Outro, um desejo inconsciente, o qual funda o seu psiquismo. Então, o que temos na origem?

Na origem, temos a pulsão. No texto "Os Instintos e Suas Vicissitudes", Freud (1915) descreve a pulsão como um conceito-limite entre o psíquico e o somático. Para ele, o estímulo pulsional vem do interior do corpo e *marca* o psiquismo com uma exigência de trabalho. A pulsão enquanto força constante é inesgotável. Tem como meta a satisfação que pode, entre outras formas, ser atingida através do objeto de desejo.

É graças ao contato com os outros, em especial com a mãe no exercício da função materna, que se construirão as primeiras representações do pulsional. Podemos pensar que essa função materna é primordialmente de ligação da pulsão, através dos cuidados que ela remete ao corpo e ao psiquismo da criança, dando significado e promovendo representações. É esse outro, que correspondendo às necessidades da criança, dará à pulsão um destino e uma articulação, para que essa não permaneça totalmente livre no aparelho psíquico. É este investimento que a mãe faz: além de atender às necessidades biológicas, ela vai constituindo um corpo erógeno, inscrevendo, assim, o que Freud (1905) denomina de sexualidade infantil.

No texto "Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade Infantil", Freud (1905) define o autoerotismo como um estado inicial da libido. As pulsões são parciais, inicialmente autoeróticas, e buscam satisfações no próprio corpo. As manifestações sexuais percorrem um caminho primeiramente oral, uma fase anal-sádica e uma fase fálica, até chegar à função sexual adulta. Elas podem ser observadas desde os primórdios da constituição psíquica.

A partir do momento que a libido toma o Eu como objeto, e o sujeito passa a poder investir afetivamente em si mesmo, faz-se presente o narcisismo. De acordo com Freud (1914), no narcisismo, uma nova ação psíquica foi acrescentada ao autoerotismo, sendo o Eu resultado de um trabalho psíquico.

Freud (1914) refere que, nesse momento em que a criança se coloca como um todo ideal e de prazer para a mãe, há um Eu ideal, referente ao narcisismo primário. Aqui, a criança se apresenta como um objeto narcísico para os pais. Em contrapartida, esses pais, que tiveram que abandonar seu narcisismo infantil, encontram no filho a oportunidade de reinvestimento enquanto objeto narcísico. "A criança passa a ter direito a tudo aquilo a que os pais tiveram que renunciar" (GARCIA-ROZA, 1995, p. 57). Ela encontra-se, como afirma Freud (1914), na condição de "Sua Majestade, o Bebê".

Essa vivência é necessária para a estruturação psíquica do bebê, pois é o narcisismo dos pais que funda o narcisismo primário do filho. Para que este possa seguir em frente em seu desenvolvimento psíquico, porém, será fundamental que ele consiga se desprender deste lugar de completude (FREUD, 1914).

Essa relação é perturbada na crise edípica, quando a criança percebe que o olhar da mãe se volta para outro interesse, que ela não contempla tudo que era valorizado por este Outro primordial. Neste momento, o filho percebe a existência de um terceiro no campo de desejo dessa mãe. Diante disso, busca encontrar aquilo que ele não tem – mas que percebe ser idealizado pela mãe –, mas que almeja chegar a ter para, assim, poder recompor-se narcisicamente, de acordo com Freud (1914).

À medida que a criança se defronta com novas demandas de seus pais, poderá constituir um Ideal do Eu, diferente do Eu Ideal, posição que ocupava até este momento. Encontra-se agora entre o que é valorizado e o que não deve fazer por medo de perder o amor dos pais. É a transformação do narcisismo primário em narcisismo secundário. Assim como o psiquismo, o ideal é um processo em permanente construção, relacionado às diferentes crises que a vida impõe ao sujeito (GARCIA-ROZA, 1995).

Estes modos de investimento libidinal não devem ser considerados como constituindo fases ou etapas, umas substituindo as outras. De fato, não há um abandono completo do Eu em benefício do investimento objetal, nem posteriormente um abandono completo do investimento objetal em favor do Eu; pode haver uma concomitância das formas de investimento com a predominância de uma delas (GARCIA-ROZA, 1995).

É desejando ser como seus pais e ocupar o lugar de um junto ao outro que o menino e a menina ingressam no complexo de Édipo, cada um com suas particularidades. Nessa vivência, afloram sentimentos amorosos e hostis dirigidos às figuras parentais. Embora o menino perceba o pai como rival, pelo desejo junto à mãe, ele, ao mesmo tempo, também precisa e deseja o amor do pai, com quem se identifica (FREUD, 1923).

À medida que a genitalidade ganha espaço na vida da criança, vão surgindo as teorias infantis a partir da diferença anatômica entre os sexos. A menina percebe que lhe falta algo em comparação ao menino: falta o pênis, ou seja, fora castrada. O menino, por sua vez, teoriza que a menina tem, mas ainda é pequeno, ou vai crescer. Quando esta teoria não mais soluciona, ele passa a acreditar que, por alguma razão, o genital dela foi perdido, cortado, sendo a falta do pênis um castigo (FREUD, 1925).

Para Laplanche e Pontalis (1998), o menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades exploratórias sexuais; na menina, há um sentimento de dano sofrido mediante a ausência do pênis, a qual procura compensar, negar ou reparar de alguma forma, o que a coloca diante de uma ferida narcísica. Aceitar a castração é poder reconhecer uma falta importante, o que lhe possibilitará sair em busca de seu desejo. É esse reconhecimento da falta que permitirá a emergência do desejo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998).

Juntamente com essa vivência edípica, também se dá a instauração do superego, através das identificações secundárias com os pais. De acordo com Freud (1924):

> [...] as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição (p. 196).

No texto "Ego e o Id", de 1923, Freud afirma que o superego é o herdeiro do Ideal de Eu e está ligado ao complexo de Édipo. Através dessa vivência tão importante no desenvolvimento do sujeito psíquico – ou seja, a passagem do Eu Ideal para o Ideal do Eu – é possível aparecer o desejo. A falta é a essência vital do desejo. Logo, à medida que a criança reconhece a falta no outro, deixa de ser objeto de desejo e passa à condição de sujeito desejante, ingressando na cultura. Quando, ao contrário, recusa a falta nela mesma e no outro, coloca-se como objeto dessa falta, ficando assujeitada no desejo do outro, capturada no espelho de Narciso.

Ao escrever os "Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade", Freud (1905) descreve as transformações da puberdade, que são muito significativas, porém também muito dolorosas. Essas transformações remetem a inúmeras perdas, pois,

além das mudanças corporais, o sujeito terá que lidar com a perda do corpo infantil, dos pais imaginários da infância, com a inexistência de um objeto que possa completá-lo e, consequentemente, submeter-se à lógica da castração. Este redimensionamento das correntes terna e sensual encaminha o adolescente para um novo ordenamento simbólico, inscrevendo-o como sujeito de seu próprio desejo.

Todo desejo humano é conflituoso, à medida que, no inconsciente recalcado, encontram-se os desejos incestuosos e parricidas com os quais o sujeito precisa conviver ao longo de sua vida. Como vimos, apropriar-se de seu próprio desejo requer do sujeito a clareza do que almeja ser, bem como o que quer ter. Isso só é possível para aqueles que abdicaram do lugar de completude e se abriram para as inevitáveis dúvidas, contradições e faltas que permeiam a condição humana.

Pensando em nossa sociedade atual, que base ela está oferecendo para o sujeito constituir seu desejo?

DESEJO NA CONTEMPORANEIDADE

Vivemos em uma época de constante transformação em praticamente todos os âmbitos da vida social. Tem sido corrente a afirmação de diversos profissionais (LASCH, 1983; BIRMAN, 1999; BAUMAN, 2001) que se dedicam a estudar os fenômenos da contemporaneidade, que atualmente os indivíduos são convocados a viver em um estado de aceleração, em uma busca constante de satisfações, em que tudo é intenso e muito urgente.

Para Birman (1999), os sujeitos da contemporaneidade não têm conseguido acompanhar a rapidez dos acontecimentos, e têm encontrado dificuldades em seguir tudo que ouvem e veem. Tais convocações fizeram com que os indivíduos transformassem sua forma de ação e o olhar sobre o mundo a sua volta.

Bauman (2001) denomina a sociedade atual de *líquido-moderna*. Para o autor, "as condições sob as quais agem seus membros mudam em um tempo mais curto do necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir" (p. 7). Além disso, o capital e os bens conquistados são rapidamente substituídos e transformados, mobilizando constantes incertezas no sujeito contemporâneo. Para este autor, além da sociedade líquida, vivemos em uma sociedade de consu-

midores. Nessa forma diluída da sociedade, as relações sociais se entrelaçam com as relações de consumo.

> Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor mesmo que em geral latente e quase nunca consciente (BAUMAN, 2008, p. 77).

Diante disso, as pessoas são acionadas a se tornarem desejáveis e atraentes como uma mercadoria, seja para conseguir um emprego ou reconhecimento social. Bauman (2008) afirma que "o processo de autoidentificação é perseguido, e seus resultados são apresentados com a ajuda de 'marcas de pertença' visíveis, em geral encontráveis nas lojas" (p. 108). O consumo nessa sociedade é um investimento em toda e qualquer coisa que sirva para o valor social e para a autoimagem do sujeito.

Dentre as formas que o consumidor tem encontrado para lidar com suas frustrações, está descartar os objetos que causam esse sentimento. Existe uma desvalorização do que é durável, considerando o que está "ultrapassado" como destinado ao "lixo". Essa ênfase no descarte das coisas, e não na aquisição, é como a economia do consumo se organiza (BAUMAN, 2008).

O consumo apresenta-se como um substituto na busca da felicidade, tanto na forma de objetos materiais quanto no próprio ato de comprar. Diante disso, a relação do sujeito com o objeto fica transitória, pois ele busca algo que lhe proporciona plena satisfação. Para Volpe (2013), essa busca mobiliza sentimentos diversos no indivíduo.

O sofrimento não vem mais do desejado *versus* proibições, mas, sim, da pressão social que chega ao indivíduo de modo excessivo e maciço, sem que se possa pensar sobre ela. Em vez de se culpar por ter um desejo, o sujeito culpa-se por não alcançá-lo e, sobretudo, por não alcançá-lo sozinho. Diante dessas transformações sociais, outra questão significativa diz respeito às manifestações narcísicas

de seus membros. De acordo com Birman (1999), o indivíduo tem assumido cada vez mais uma posição autossuficiente, e de não reconhecimento da diferença do outro. Nesse autocentramento narcisista, apresenta-se uma impossibilidade de admirar o outro em sua diferença. Na valorização central do "Eu", os destinos do desejo voltam-se ao exibicionismo; em consequência, o subjetivo aparece esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas.

Além disso, na tentativa de ser reconhecido e valorizado, o homem contemporâneo se submete às novas necessidades visuais. De acordo com Lasch (1983), para o narcisista, o mundo se apresenta como um espelho; ele depende do outro para validar sua autoestima, sobressaindo-se, assim, ideais relacionados à forma como as pessoas são vistas e valorizadas pelos outros. Prevalece, para o autor, uma ideologia individualista e superficial.

De acordo com Volpe (2013), são criadas falsas representações do cotidiano e da vida humana que levam a um engodo, o que aparta o ser humano de sua própria substancialidade. Para esta autora:

> [...] como consequência esse mundo torna-se cada vez menos crível. Para compreender esses excessos, o homem necessita de intérpretes que carregam também essa desconfiança de credibilidade. Essa característica de incredibilidade do mundo contemporâneo retira de seu homem a própria capacidade de interrogá-lo. Assim, não é ele que pensa o mundo, antes é por ele pensado. Temos, pois, um paradoxo: ao mesmo tempo que o homem de hoje é levado pela correnteza do agir e da credibilidade acéfala, é também levado pela desconfiança (VOLPE, 2013, p. 182).

Para Lasch (1983), podemos identificar algumas características na personalidade narcisista. Ele destaca a "dependência do calor vicário proporcionado por outros, combinada a um medo da dependência, uma sensação de vazio interior, ódio reprimido sem limites, e desejos orais insatisfeitos" (p. 57). Acrescenta ainda o medo da morte, da velhice e da competitividade, o senso de tempo alterado e o fascínio pela celebridade.

O narcisismo pode aparecer como uma defesa diante das tensões e ansiedades vividas hoje. O sujeito passa a projetar suas ansiedades interiores, acreditando que até mesmo nas relações mais íntimas vigoram a inveja, exploração e desonestidade. Decepciona-se, assim, em suas relações pessoais, fortalecendo sua ideologia narcisista (LASCH, 1983).

Como podemos ver, as ligações entre as pessoas se encontram comprometidas nesse cenário social. As relações afetivas e amorosas tendem a ser superficiais e passageiras com poucas condições de se transformarem em vínculos duradouros. Os relacionamentos passam a ser como uma relação de consumo, na qual se busca o prazer imediato e, diante de qualquer insatisfação, pode ser prontamente "descartado" (BAUMAN, 2001; 2008). Nessa condição, torna-se frequente no sujeito a sensação de desamparo e angústia.

Na contemporaneidade, tem-se passado uma expressiva parte do tempo conectado a redes sociais, relacionando-se virtualmente, contabilizando "amigos" e compartilhando momentos, até pouco tempo atrás, compreendidos como privados. Conforme Volpe (2013), isso tem levado "o homem a abdicar do seu pensamento e ficar cada vez mais na ação, substituindo a experiência, pela informação, adquiridas num mundo onde a realidade se declara virtual" (p. 181). Para a autora, isso pode impedir o discernimento do sujeito e a apropriação até mesmo das menores decisões ou compromissos do dia a dia.

Em um momento de transição como este, estamos vivendo com o esvaziamento da figura paterna e com a perda de referenciais sólidos, pelo que tanto pais como filhos sentem-se inseguros e carentes de um ponto norteador. Contudo, pertence aos pais a tarefa de transmitir aos filhos uma ordenação simbólica que delimite lugares e estabeleça a lei, clareando o que é permitido ou não (LASCH, 1983).

O que facilmente podemos perceber atualmente é que estamos em contato com crianças e adolescentes que reivindicam um lugar de igualdade na sociedade e na família diante dos pais. Acreditam que merecem ser tratados como se não houvesse uma diferenciação importante de hierarquia entre eles. Para Lasch (1983), essas condições de igualdade valorizadas na cultura do narcisismo comprometem a autoridade paterna. Elas interferem na dinâmica de relações entre os

membros de uma família, pois proporcionam modelos de relações mais regressivos. Prevalece nos pais o medo da separação e o compromisso de suprir toda e qualquer necessidade. Dessa forma, os filhos crescem com poucos limites e frágeis na capacidade de lidar com as frustrações.

Ao conviver com jovens ou "estreantes" da vida adulta, a escritora e jornalista Eliane Brum (2011) tem se deparado com uma contradição. Ao mesmo tempo que ela os percebe como uma geração bem preparada nas habilidades, com acesso à cultura, a viagens e à tecnologia, por outro lado, os vê despreparados para lidar com as frustrações, desconhecendo a matéria da vida. Além disso, ela percebe que há um desprezo ao esforço e uma convicção de vida fácil. Para a autora, os jovens acreditam ter nascido prontos, bastando apenas que o mundo reconheça a sua genialidade.

Ao se questionar por que boa parte da nova geração está crescendo com a ilusão de que a felicidade é uma espécie de direito, Brum (2011) reitera a ideia de que os pais realmente estão atrapalhados e angustiados em garantir que seus filhos sejam "felizes". Para ela, é fundamental que os pais compreendam duas premissas básicas no processo educativo de seus filhos: a primeira é a importância da capacidade de lidar com as frustrações – não há como viver sem se confrontar com os limites da condição humana; a segunda diz respeito ao esforço – para ganhar um espaço no mundo, é preciso persistir e aprender a buscar o que se deseja; viver é para os insistentes.

Diante do que vimos até aqui, retomo a questão do desejo nessa sociedade de referenciais instáveis, de gozo absoluto, onde o sofrimento e as faltas da vida ficam tamponadas. Indago-me mais uma vez: como isso tem repercutido na constituição do desejo das crianças e dos adolescentes? Qual tem sido o papel que os pais na contemporaneidade têm assumido diante dessa aquisição tão importante de seus filhos: o seu próprio desejo?

Pensando na posição do desejo hoje, Birman (1999) apresenta sua posição de que a subjetividade humana oscila entre o polo narcísico e o polo que ele denomina de *alteritário*. Diante do narcisista, o outro é visto como um inimigo e rival, como uma ameaça a uma existência autocentrada. No polo alteritário, o outro representa uma abertura para o possível, na medida em que demarca para

o sujeito uma diferença, oportunizando, com isso, o reconhecimento da experiência da alteridade e da intersubjetividade. O desejo só é possível para os sujeitos que pertencem ao polo alteritário.

A condição de possibilidade de desejo é que o outro se apresente como algo sedutor e atraente o bastante para despertar a satisfação desejante do sujeito. Caso contrário, o desejo se apresenta como da ordem do impossível, e ao sujeito resta tão somente a utilização voraz do corpo do outro para afirmar de maneira predatória seu autocentramento (BIRMAN, 1999).

Perceber-se como um sujeito faltante é uma condição que está dificultada na contemporaneidade. As pessoas se ocupam mais em se livrar do indesejado, do que necessariamente ir em busca do que desejam (BAUMAN, 2008). Isso faz com que o encontro com o outro seja vivido de uma forma muito individualista, e não como uma vivência de alteridade.

Seguindo no pensamento de Birman (1999), à medida que a sociedade tem oportunizado poucas experiências alteritárias, a violência apresenta-se como um desenlace inevitável, sendo "a única forma que resta ao sujeito de gozar freneticamente, diante da impossibilidade de desejar e face à sua pobreza simbólica" (p. 300). Como uma alternativa de saída diante do declínio social, esse autor apresenta a necessidade de inventar novos ideais alteritários que permitam aos sujeitos penderem para o polo do outro e, assim, relançar seu desejo de maneira permanente. "Com o desejo, o sujeito pode reinventar seu Eu e traçar uma outra história" (p. 85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cultura atual, em especial, percebemos um declínio do funcionamento em nível de princípio da realidade e uma primazia do princípio de prazer. Muitas crianças e jovens parecem almejar satisfações a todo custo: reconhecimento, *status,* beleza e poder. Relacionam-se superficialmente, virtualmente e, por consequência, os vínculos ficam mais frágeis e fugazes.

Para viver em sociedade, cada um precisa do outro como assegurador e como modelo de referenciais. As leis e as regras são necessárias na convivência em so-

ciedade, como bem afirma Freud (1913) em "Totem e Tabu". No entanto, enquanto responsáveis pela construção simbólica do sujeito, e com o compromisso de auxiliá-lo na apropriação de seu próprio desejo, os pais parecem, por vezes, igualmente capturados por uma expectativa de um estado de completude imaginária narcísica.

Na contemporaneidade, muitos pais trabalham em excesso para corresponderem aos ideais, bem como às exigências da cultura, a qual fomenta o tamponamento da falta. A posição dos pais de oportunizarem "tudo" para a criança, como se a ela nada pudesse faltar ou frustrar, parece ser, como anuncia Freud, em 1914, o narcisismo dos pais renascido através do ideal de um filho perfeito.

São inegáveis os avanços e progressos da cultura em que vivemos. Atualmente, as crianças nascem em um contexto que oportuniza melhores condições para exploração e conhecimento do mundo, o que traz contribuições significativas para a formação de sua subjetividade. No entanto, sabemos que, para educar, é fundamental tempo e um acompanhamento atento, principalmente diante de tantas ofertas e oportunidades, como as que são apresentadas em nossa sociedade.

O que podemos colocar em questão é o comportamento de muitos pais, que estão cada vez mais dedicados em oportunizar o "melhor" para os filhos – como viagens, estudar em outros países e eletrônicos de última geração, uma gama de vantagens e oportunidades –, mas sem o convívio, a supervisão e um acompanhamento afetivo. A ideia é pensar se, desta forma, não está havendo uma ênfase na exterioridade e não na interioridade (LASCH, 1983; BIRMAN, 1999).

Além disso, o tempo compartilhado com os filhos está escasso, seja porque os pais estão trabalhando excessivamente para oportunizarem tudo isso, seja porque estão "virtualmente conectados" com outras coisas que não a convivência familiar. Diante da fragilização das funções parentais, vemos que alguns pais encontram-se "perdidos" no compromisso de educar os filhos e destituídos de um referencial de valor e estabilidade. Acrescentaria, ainda, um sentimento de temor de perder o amor dos filhos, ficando no lugar de igualdade; são "os amigões" dos filhos, negando um lugar de assimetria entre as gerações.

Assim, retomando o objetivo desse trabalho – a constituição do desejo –, podemos pensar que efeitos alguns fenômenos atuais têm para as crianças e para os

adolescentes imersos nessa cultura, na qual se evita confrontar-se com outro e com a castração? Será que está havendo lugar para o surgimento do desejo no sujeito?

Para Birman (1999): "[...] é preciso registrar devidamente a diferença entre os registros psíquicos do supereu e do Ideal do Eu, por um lado, e o do Eu Ideal, pelo outro" (p. 277). Os sujeitos que, em sua constituição, consideram as interdições, ou seja, as castrações, compreendem que algo os ultrapassa e os transcende, enquanto os sujeitos que acreditam ser seu próprio ideal não se submetem a qualquer lei, regra ou ideal que os transcenda, pautando-se apenas por aquilo que os permite gozar.

Para Birman (1999), durante toda a vida, o sujeito vai se deparar com castrações sucessivas, com tristezas, desilusões e desesperanças. Porém, somente os sujeitos que puderem olhar para isso e pender para o polo alteritário é que poderão, de fato, ter a capacidade de desejar.

E quando os pais não permitem as frustrações? Quando eles não conseguem proporcionar aos filhos o suporte necessário para instituir a noção de alteridade? Esse funcionamento parental acentua nos filhos o sentimento originário de desamparo e a incapacidade de lidar com os desafios da vida (LASCH, 1983). Dessa forma, nos deparamos, na contemporaneidade, com crianças e adolescentes com dificuldades em solidificar sua identidade pessoal, protelando a busca e o reconhecimento do próprio desejo.

Como efeito desse esvaecimento de referenciais e abandono simbólico, presenciamos, tanto na clínica como no contexto escolar, cenas e situações de crianças e de adolescentes buscando resgatar o limite da castração, através de diferentes tentativas (*bullying*, anorexia, bulimia, depressão, promiscuidade, adições).

Nesses casos, estaríamos diante de sujeitos com falhas importantes em seu desenvolvimento psíquico, que não conseguiram evoluir para a etapa das relações objetais, ficando aprisionados ao espelho de Narciso. Não podendo constituir-se enquanto sujeito atravessado pela castração, predomina um funcionamento narcísico.

Em contrapartida, temos sujeitos que evoluíram em seu desenvolvimento psíquico, ultrapassando o narcisismo e estruturando-se enquanto sujeitos castrados. Logo, vale a ressalva que, nesse social, com tantos atravessamentos, e diante de uma fragilização da figura paterna, alguns "filhos do recalcamento" – como po-

deríamos chamá-los – podem estar fortalecidos enquanto sujeitos; enquanto outros se encontram frágeis, desamparados e inseguros diante dos desafios da vida.

Como vimos, assumir a condição de ser objeto de seu próprio desejo só é permitido aos sujeitos que abdicaram do lugar de completude e de uma vida de gozo absoluto.

Só desejamos o que nos falta. É através dessa insatisfação que o desejo permanece existindo e movendo a vida humana. Neste rumo de pensar sobre o desejo, temos de seguir, como psicanalistas, interrogando-nos: de que forma podemos intervir sobre o efeito destas marcas do contemporâneo?

Como instrumento de trabalho ao nosso alcance, temos a sensibilidade da escuta. Podemos assim, enquanto profissionais, nos *conectar* com as dores e com o desamparo de nossos pacientes, mantendo-nos abertos ao interrogante de nosso tempo e não correspondendo à demanda social contemporânea de respostas rápidas e indolores.

Acredito ser fundamental fazer o resgate do sujeito capturado no princípio do prazer, para que ele possa se deparar e conviver no princípio de realidade, como sujeito faltante. Além disso, à Psicanálise cabe o desafio de reforçar a importância do estabelecimento da lei, de vínculos sólidos e de referenciais consistentes na construção simbólica do sujeito.

Enquanto profissional da área clínica e escolar, é fundamental auxiliar os pais a exercerem suas funções de um modo mais consistente, ocupando-se com seu papel de interditores, pelo qual os filhos não podem tudo. Pelo contrário, eles devem ser frustrados para, assim, desenvolverem uma capacidade importante de tolerância às frustrações. Desta forma, estes pais podem apropriar-se com firmeza e segurança de uma posição hierárquica familiar, transmitindo aos filhos o sentimento de segurança tão escasso em nosso tempo atual.

Concordo com Brum (2011), quando ela afirma que assumir a narrativa da própria vida e buscar a própria voz, é escolher um percurso pontilhado de desvios e sem nenhuma certeza de chegada. Enquanto analistas, temos o desafio de refletir e propor a abertura de um espaço de reflexão – interno e externo – que possibilite aos sujeitos a cada vez maior apropriação de seu desejo, tornando-os conscientes de suas escolhas.

Diante desse cenário, fica lançado o desafio para seguirmos nos questionando, sobre como podemos aproveitar os avanços de nossa cultura, sem perdermos de vista a importância do papel de cada um na estruturação do sujeito psíquico como sujeito de seu próprio desejo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIRMAN, J. **O mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BRUM, E. Meu filho, você não merece nada. **Revista Época**, 9 ago. 2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/o,EM-1247981-15230,00-MEU+FILHO+VOCE+NAO+MERECE+NADA.html>. Acesso em: 14 mar. 2014.

FREUD, S. (1895/1950). Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 1).

_____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 5).

_____. (1905). Três ensaios sobre a sexualidade infantil. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 7).

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 12).

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 14).

_____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 14).

_____. (1923). O ego e o id. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 19).

_____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 19).

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 19).

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. v. 3.

KEHL, M. R. O desejo da realidade. In: A. NOVAES. **O desejo** (p. 363-382). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LACAN, J. (1958). A significação do falo. In: _____. **Escritos** (p. 693-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

VOLPE, M. R. Gritos e sussurros dos excessos. **Ide**, São Paulo, v. 35, n. 55, p. 177-186, jan. 2013.

Desire or completeness?
The impasse of a desire in the contemporaneity

Abstract
This work proposes a reflection on how the desire has been constituted in children and adolescents, as well as the place of parents contemporaneity. Currently, families are constant and intense social and cultural transformations. Whereas parents are the basis for the constitution of desire, it is possible to see how much they like for consequences the children, deprived of reference are another purporting to be a firm of identification. However, what should be the construction of a desirousness from a lack, becomes the installation of a desire for completeness, for which there is only space for the whole and for the absence of frustration.
Keywords: Desire. Contemporaneity. Lack. Completeness. Childhood. Adolescence.